

para além da
calamidade

Camila Jourdan

O primeiro movimento oportuno é aquele que cessa o querer ser produtivo. A ideia de que nossa saúde mental está em relação de bicondicionalidade com nossa capacidade produtiva é um dos cânones interiorizados dos quais precisamos nos livrar. O momento é de cuidarmos de si e dos outros, redescobriremos formas que não sejam a mediação pelo capital, o que significa ao mesmo tempo não ser pelo Estado, nem pelo mercado. A dimensão ética é evidente: de um lado a sobrevivência, de outro, a economia. Nunca tão claramente se pode expressar a oposição central entre o capital e a vida como quando alguém afirma: "o país não pode parar porque morrerão 5 ou 7 mil pessoas." Mas o que é que se pararia exatamente? Ora, não há nada para se lamentar vendo este sistema ruir; podemos lamentar, claro, pelos pequenos comerciantes e produtores que perdem seu sustento, mas que essa máquina inteira entre em colapso só pode ser incentivado como uma saída, uma possibilidade aberta. *Jamais sofreremos pelo mundo do capital entrar em ruínas porque temos um mundo novo em nossos corações.*

Mas nosso maior desafio agora é o isolamento que impede que maneiras imprevistas de solidariedade possam surgir. Em uma greve, existem organizações coletivas diretamente relacionadas à parada da produção, comitês, pequenas organizações, algo vindo do concreto que toma o lugar das unidades abstratas do capital. Mas como concretizar-se coletivo ainda que sozinho? Uma possível resposta é a revolta que agora está por toda parte, e que abre uma porta para a coletividade, pois jamais é um átomo aquele que se revolta. A revolta tem uma dimensão ética justamente porque ela nos permite saber pelo que vale arriscar a sua vida em um movimento que vai do singular ao coletivo: "eu

me revolto, logo existimos". E se temos isso tão fortemente hoje, tornar-se-ia possível responder também pelo sentido da nossa existência, pois aquilo sem o que não há vida a ser defendida é o que pode também justificá-la. Jamais imaginamos viver uma situação imprevista como esta, onde tudo, absolutamente tudo, parece estar em jogo e é mantido em suspenso. Mas é um enorme privilégio poder viver uma situação imprevista, de tal modo que o pior que poderia acontecer agora é tudo isso passar e voltarmos à normalidade. Isso, de não estar dado, é o que torna tão fundamental o momento presente. Pois não éramos nós aqueles que reclamávamos pelo aparente caráter indestrutível do sistema reinante? Não é justo ser imprudente agora com os que podem ser mais afetados. Mas é possível vislumbrar um caminho autônomo, arrancando dos governos o que é necessário à vida? Sem dúvida, jamais romantizar a mazela, pois seria aceitar a morte e a miséria, mas entender que ela torna evidente o que já estava posto antes e era disfarçado pela suposta normalidade.

Os flagelos, na verdade, são uma coisa comum, mas é difícil acreditar neles quando se abatem sobre nós. Houve no mundo tantas pestes quanto guerras. E, contudo, as pestes, como as guerras, encontram sempre as pessoas igualmente desprevenidas. (...) Quando estoura uma guerra, as pessoas dizem: "Não vai durar muito, seria idiota". E sem dúvida uma guerra é uma tolice, o que não a impede de durar. A tolice insiste sempre, e compreendê-la-íamos se não pensássemos sempre em nós. Nossos concidadãos, a esse respeito, eram como todo mundo: pensavam em si próprios. Em outras palavras, eram humanistas: não acreditavam nos flagelos. O flagelo não está

à altura do homem; diz-se então que o flagelo é irreal, que é um sonho mau que vai passar. Mas nem sempre ele passa e, de sonho mau em sonho mau, são os homens que passam, e os humanistas em primeiro lugar, pois não tomaram suas precauções. Nossos concidadãos não eram mais culpados que os outros. Apenas se esqueciam de ser modestos e pensavam que tudo ainda era possível para eles, o que pressupunha que os flagelos eram impossíveis. Continuavam a fazer negócios, preparavam viagens e tinham opiniões. Como poderiam ter pensado na peste, que suprime o futuro, os deslocamentos e as discussões? Julgavam-se livres, e nunca alguém será livre enquanto houver flagelos. Albert Camus, *A peste*

Agora temos patrão matando empregado literalmente; divisão sexual do trabalho gritando em todos os lares; falência da família nuclear estampada na rotina; limites do individualismo no telejornal da TV; escolha direta entre quem pode viver e quem deve morrer. E é também verdade que alguns daqueles que se julgavam inatingíveis foram atingidos. Ninguém está imune à peste, embora ela atinja as pessoas de forma diferente, ou seja, ela não nos faz iguais, ela explicita as desigualdades. A resposta de todos os governos é o aprofundamento do controle e das medidas de exceção, escorados numa retórica salvacionista. Uma pessoa muito querida me disse: "O coronavírus de fato não possui letalidade alta, é o capitalismo que nunca foi capaz de cuidar das pessoas." O que vamos fazer com tudo isso que aparece de modo tão insustentável? O que vamos fazer com nosso tempo acumulado se este nos for restituído? Resta-nos ainda o desafio de ser livre, apesar dos flagelos.

Nos últimos dias, mais e mais pessoas entregaram voluntariamente seus dados na internet. Todas,

absolutamente todas as atividades cotidianas foram voluntariamente transferidas pra rede mundial de computadores sob a justificativa de se evitar contágio e conseqüente quebra do sistema de saúde com a morte de alguns milhões. Aulas, reuniões, compras, atividades recreativas e laborativas, conversas familiares cotidianas, todas sendo realizadas de dentro de casa e alimentando o algoritmo com nossas compras, gostos, hábitos, opiniões, desejos. A impressão que se tem é que a vida real vai sendo substituída por uma representação holográfica, pela mediação das máquinas de comunicar, na qual as relações comerciais, sobretudo, precisariam ser mantidas. Mesmo aqueles resistentes à tecnologia, deixaram de lado esta resistêcia por um bem maior, e se entregaram de corpo e alma ao espaço virtual para tentar enfrentar a quarentena com menos solidão. Agora que nossos vínculos sociais ficaram de vez reduzidos ao teclado e ao *touch*; que não podemos sequer apertar a mão de um amigo diretamente; o que restará de nossa subjetividade? De nossas crianças que não verão teatros, ou aulas, ou contações de histórias, ou florestas, mas apenas telas?! Mas não há o que argumentar contra isso, alguns dirão. A realidade não virtual nos é apresentada agora como perigosa, potencialmente mortal. Por que não usar tais ferramentas em um momento de emergência como este? Certamente que não devemos recusar a tecnologia agora, mas não usá-la indiscriminadamente, pois a sociedade de controle não criou o vírus, mas se aproveita dele para impôr-se como realidade distópica ainda maior. Seria possível usarmos a tecnologia a nosso favor? Quais ferramentas autônomas temos ao nosso dispor para dizer *fucking google*? Como desalienar a tecnologia em prol de uma vida que não seja

estruturada pela abstração? Creio que é um pouco isso que poderíamos pensar agora.

É útil refletir sobre as medidas que nos estão sendo impostas, pois, como sempre não serão as pessoas que serão "salvas", mas as instituições financeiras. Sobrarão, como de todas as crises, aqueles que têm mais. Até mesmo o pânico pode ser vendável. De tal modo, que se chega a supor corte de salário sem renda mínima ou se ameaça prender as pessoas que estão saindo às ruas, corta-se transporte público pela metade e fecha-se os pequenos comércios, sem que os autônomos tenham qualquer alternativa de subsistência. Aqueles que não morrerem de fome; não entrarem em depressão ou crise de ansiedade desde agora, certamente ainda terão sequelas psicológicas enormes pelos meses de confinamento e mania de limpeza impostos. No horizonte, o aceno do 'estado de sítio', permitindo poderes absolutos ao soberano. Nada melhor para evitar uma insurreição do que a ameaça de um vírus mortal, se, durante meses, a população do Chile não saía das ruas em revolta, agora todos se prostram dentro de casa, temendo pelos próximos acontecimentos. E os grupos chilenos que mesmo assim saíram, foram detidos e jogados na cadeia. Na rua não pode aglomerar, mas na prisão pode. E, diga-se de passagem, teorias conspiratórias são tão enganosas quanto desnecessárias, obviamente o vírus não foi criado em laboratório, o que não significa que ele seja "natural", pois nada é simplesmente natural na relação entre ser humano e natureza, o modo de produção predatório ao qual estamos submetidos cria tragédias e catástrofes, das quais também se retroalimenta, de tempos em tempos. Se não viesse o vírus, as catástrofes já se avizinham há tempos e, algumas, aí já estão.

Todas essas medidas até poderiam parecer uma

simples preocupação com a saúde das pessoas, se houvesse contrapartes no sistema de saúde. Mas o que se vê até agora é que simplesmente as pessoas não estão sendo testadas. Isso tem uma dimensão política, evidentemente, porque casos crescentes pressionam o governo a tomar providências e geram revolta. A temeridade diante do sistema de saúde quebrado não deve ser igualada à preocupação com as pessoas no reino do capital, ela apenas lembra que as pessoas ainda estão aí, talvez de um modo um pouco indesejado, e que, se podem trabalhar, podem também se revoltar; que se morrem aos montes sem atendimento, isso pode fazer o castelo de cartas mercadológico, senão ruir totalmente, ao menos perder a aparência sólida. Há uma escolha em se investir na segurança - aprofundando o Estado policial e as medidas de exceção - e não se investir em saúde, em diagnóstico, em tratamento, o que seria o primeiro passo para controle do vírus e não das pessoas. Se isso arrisca a economia, pode também fomentá-la, com milhares correndo para comprar itens que não precisam e bancos oferecendo empréstimos para "salvar" negócios e endividar pessoas. Já faz tempo que vivemos essa economia da crise, a diferença agora é que o inimigo é invisível e um vírus mortal. É possível prender e monitorar quem está na rua. Mas, de fato, ninguém sabe onde está o vírus. E de tal maneira que isso aprofunda o medo, ninguém sabe quem está ou não contaminado, e o medo obviamente nos impede de agir, impede a solidariedade básica com o outro que é agora visto não como a condição necessária da vida, mas como uma possibilidade de morte. A situação é insólita, um vírus desconhecido para o mundo, os sintomas variam de pessoa para pessoa, é possível ter e ser assintomático, todos são contaminados em potenciais, mas não é possível ter certeza de

que se está ou não contaminado. Até o momento em que as pessoas passam a morrer de suspeita. Morre-se não de um vírus, mas de uma suspeita de vírus. "Morreram hoje no Rio de Janeiro três pessoas com suspeita", dizem os jornais. Não saber se se tem o vírus ou não, ficar em quarentena e reiniciá-la todas as vezes que tiver que sair de casa, um ciclo crescente de angústia.

Esta semana o filósofo coreano Byung-Chul Han afirmou que Zizek está errado em pensar que um vírus poderia abrir uma possibilidade para vencer o capitalismo, por mais que ele deixe clara a falência deste sistema, um vírus não pode fazer uma revolução, na medida que isola e individualiza. Um vírus apenas poderia tornar ainda mais forte a sociedade de controle e o estado de exceção. Para ele, todas as medidas restritivas só fortaleceriam o sistema reinante, que ressurgiria ainda mais potente, inspirado nos controles de *big data* chinês e na obediência confucionista. De fato, não acreditamos que um vírus possa mudar nossa forma de vida, só a luta muda a vida. Mas nós somos daqueles que acreditam na revolta diante das mazelas. Ainda não sabemos o que virá, a maneira como vamos lidar com esta desestruturação profunda é o que agora abre possibilidades, para além do isolamento, para que a vida se imponha ao capital e aos governos.

Camila Jourdan Professora de filosofia na UERJ; autora do livro *2013 - memórias e resistências*, lançado pela Editora Circuito, 2018.